

Tempo de desespero: disrupção do processo analítico

Candice Campos¹, Porto Alegre
Fernanda Crestana², Porto Alegre
Luciane Falcão³, Porto Alegre

Esse artigo pretende refletir sobre a questão da destrutividade no campo analítico através de alguns aportes teóricos e clínicos. Um certo número de pacientes fortemente traumatizados apresenta essa destrutividade de forma intensa, de modo que violência e agressividade passam a ser elementos ativos nos processos transferenciais do paciente para o analista e do analista para o paciente. Percebemos aí uma engrenagem psíquica em que a identificação com o agressor é um aspecto predominante. Por meio da compulsão à repetição, essa identificação é reapresentada na cena analítica, abrindo espaço para que vivências traumáticas primitivas se presentifiquem no campo analítico. Em um primeiro momento, o analista ocupa de forma passiva e silenciosa o lugar que um dia foi do paciente que, antes de ter um aparelho psíquico capaz de dar conta dessa pulsionalidade e de ter vivido um processo de subjetivação, sofreu passivamente a violência primitiva na relação com o objeto que deveria ser protetor. Porém, tal violência também se presentifica no psiquismo do analista, bloqueando sua capacidade transformadora, e essa conjunção potencializa o caminho para o fracasso terapêutico. Enfim, parece-nos fundamental pensar que a própria psicanálise também vive seus reveses, suas ilusões e suas desilusões.

¹ Membro aspirante da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA)/International Psychoanalytical Association (IPA).

² Psicanalista, membro aspirante da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA)/International Psychoanalytical Association (IPA).

³ Psicanalista, membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA)/International Psychoanalytical Association (IPA), professora do Instituto de Psicanálise da SPPA/IPA.

Candice Campos, Fernanda Crestana, Luciane Falcão

Palavras-chaves: Identificação com o agressor; Destrutividade; Processo analítico; Fracasso terapêutico

Introdução

Algumas situações da prática clínica atual apresentam um denominador comum: a magnitude da agressividade (pulsão de morte ou de destruição) vivida no campo analítico. Ela nos coloca diante de turbulências catastróficas reveladoras de vínculos invasivos e asfixiantes. É uma forma de engrenagem psíquica que revela um desespero existencial, provavelmente relacionado a traumatismos primários que, muitas vezes, acabam forçando o Eu do paciente a transformar-se no outro – o outro agressor. Essa intensidade disruptiva presentificada no processo transferencial (transferência do paciente e transferência do analista⁴) é de tal relevância que desemboca, muitas vezes, no fracasso do processo terapêutico.

Lina é uma dessas pacientes, e tal disrupção ocorreu também no processo analítico. Assim, o nosso estudo partiu de dois vértices: o primeiro – vértice transferencial – é o vivido na transferência do paciente para o analista e do analista para o paciente, no campo analítico, isto é, naquilo que se presentifica na sessão; o segundo – vértice teórico – também instrumentaliza nossas reflexões, estando baseado, principalmente, em três autores: Sándor Ferenczi, André Green e René Roussillon. A seguir, tentamos fazer uma interligação entre os dois vértices para compreendermos, tanto clínica quanto teoricamente, as transferências e as identificações com o agressor no processo analítico. Todas essas reflexões levaram-nos a uma hipótese: a de que a nossa incapacidade enquanto analistas, diante desse tipo de paciente, também está relacionada com a nossa *fragilidade de síntese*.

1 Vértice transferencial

*“Tudo, tudo em um, sozinho,
auto-engendrado, desesperadamente.”*
(Roussillon, 2004, p. 231)

A história dos encontros e desencontros entre Lina e sua analista é, por um lado, única no que se refere às suas individualidades, e, por outro, um *modelo* de

⁴ Preferimos o termo transferência do analista ao invés de contratransferência, como referido em Falcão (2017).

experiência clínica que nos desafia e interrompe a ilusão de que podemos ajudar todos os pacientes. Não podemos.

Lina constituiu-se como sujeito a partir de relações com objetos primários cujas principais características estavam ligadas à uma fragilidade egoica, à violência, ao desamparo, ao abandono: um deserto de libido amorosa e um campo fértil de agressividade. O processo analítico passou por esse mesmo caminho.

Filha de mãe muito frágil, instável, pouco confiável, iniciou sua vida, biológica e psíquica, através de uma relação fusionada e indiferenciada. O *tudo* de uma era o *tudo* da outra, e essa forma indiscriminada, natural no início da estruturação psíquica, seguiu como um padrão que marcou os primeiros movimentos pulsionais, os primeiros investimentos libidinais – e desinvestimentos – do Eu e do objeto. Desde o início, sendo parte do *tudo* da mãe, já carregava a função de *tapar os buracos narcísicos deficitários* dessa. A história de mulheres frágeis na família é transgeracional.

O pai, homem exigente, filho único de uma mãe também exigente e com histórico de internações psiquiátricas, via Lina como um reflexo da própria mãe e da mãe de Lina. Foi uma história infantil marcada por muitas brigas familiares. Intelectualmente diferenciado e violento, abandonara a mãe durante a gravidez e retornou quando Lina estava com cinco anos de idade. Como lembra Roussillon (2023), seria um erro pensar que ele ou a função terceira estariam ausentes: ela se fez presente através da mente da mãe como uma marca permanente de abandono, ódio e desejo de vingança. André Green (2002b) afirmava que não existe uma relação dual, desde o início há um terceiro. O pai não exerceu o papel do terceiro discriminatório, apto a perceber as capacidades de Lina; ao contrário, desde que retornou para a vida familiar, fazia questão de tratá-la como louca e depressiva, igual à mãe e à avó. Quando se fazia presente, por vezes, era de forma sedutora e triunfante, como um salvador, desqualificando os cuidados recebidos por ela; por outras, era agressivo através de palavras, gritos e ameaças de novamente abandoná-la.

Lina foi criada, até os cinco primeiros anos, exclusivamente por sua mãe, que passou por momentos de muita desorganização financeira, sem emprego fixo, chegando a passar fome e precisando contar com a ajuda de parentes. O período de retorno do pai à vida de Lina coincide com a mudança da mãe para viver em outro país. Ela deixou a filha na companhia de parentes que se mostravam atenciosos e afetivos, capazes de lhe oferecer cuidados adequados e uma boa escola, e desse pai ambivalente, instável, perverso e agressivo.

Tornou-se uma moça culta, inteligente, criativa, mas incapaz de trabalhar em equipe e compartilhar responsabilidades. Sente-se uma intrusa, necessitando

provar o seu brilhantismo e superioridade através de posturas onipotentes e sádicas. A busca por relações amorosas é infecunda e, assim, ela acaba revivendo ligações instáveis, breves e predominantemente sadomasoquistas. Não tolera a proximidade e nem a ideia de que pode contar com o outro. Dois aspectos principais levaram Lina a buscar análise: primeiro é o desencadeamento de problemas profissionais que serviam de cenário para a manifestação de sua destrutividade – passa a não cumprir prazos, a criar problemas com colegas e superiores e sua capacidade criativa começa a se apagar; o segundo surge via autodestruição física – o consumo de drogas aumenta e ela começa a se colocar em várias situações de risco, entre as quais uma overdose de cocaína que a deixou “fora do mundo”.

Os primeiros sinais de desobjetalização no processo analítico surgem logo após dois períodos de férias da analista. No primeiro, Lina apresenta somatizações importantes e atuações sexuais que foram entendidas pela dupla como expressões transferenciais em função do abandono da analista. No segundo, além das atuações sexuais, reaparece o uso abusivo de álcool e cocaína que escancara uma potencialidade autodestrutiva descontrolada, colocando-a novamente em situações de riscos graves. Retorna cada vez mais fechada, evitando inclusive o olhar da analista, e o clima das sessões muda completamente. Aquilo que parecia existir inicialmente no campo, uma possibilidade de vínculo afetivo, torna-se um espaço carregado de ameaças e violências, estéril para experiências amorosas. Encontrou razões no trabalho para reduzir a frequência das sessões. As manifestações de destrutividade já não parecem apenas resistência ao processo, e sim parte fundamental da sua estrutura psíquica.

O processo de análise entra em um período muito difícil. A paciente necessita ocupar o lugar do objeto violento e, como tal, usufruir de um gozo, um triunfo perverso voltado à analista. Nesse momento, a analista sentia-se como se estivesse entrando em uma cripta (Abraham & Török, 1987/1995), impossibilitada de qualquer elaboração, sem vitalidade analítica, apagada. Estar morta dentro da cripta era o seu recurso para que a raiva que passou a sentir de Lina não fosse expressa na sessão, para que o trauma da violência ficasse na *sepultura secreta* (Abraham & Török, 1987/1995). Foi somente ao sair desse lugar que consegue perceber que, agora, estava em um *campo de batalha* no qual Lina lhe aparecia como um *inimigo feroz*. Sente-se exausta a cada final de sessão com a paciente.

Quanto mais Lina atacava a análise, mais se aproximava do pai. O *inimigo feroz* de antes agora estava presente na análise. Lina descrevia esses encontros com triunfo. O pai, de forma sedutora, resolvia sua desorganização e não precisava da analista para isso. Novamente o gozo sádico era intenso dentro da sessão. Ao mesmo tempo em que o pai ocupava esse lugar, seguia desqualificando-a, tornando-a

incapaz e submissa. Ele lhe estendia uma mão aparentemente cuidadosa, mas que, na realidade, era perversa. Ao invés de organizar a desordem, reintroduzia o caos.

A sensação de exclusão vivida pela analista se potencializa. O paradoxo é intenso: se tentava qualquer movimento de aproximação, Lina o vivia como invasão, rechaçando-a com muita violência verbal, quando predominava a desqualificação da analista; se ficava mais silenciosa, Lina sentia isto como abandono.

A analista se dá conta do quanto Lina lhe ocupa mentalmente fora dos horários das suas sessões, chegando, inclusive, a invadir o seu pensamento em sessões com outros pacientes. A incapacidade de ajudar Lina começa a se estender também aos demais pacientes. Isso passa a lhe gerar cada vez mais incômodo, e a impressão é que o *terrorismo do sofrimento* (Ferenczi, 1933/1992), quando o paciente se sente com direito à vingança e à destruição, está sendo vivenciado.

Uma inversão de rota no processo analítico se estabelece: o lugar da ligação – pulsão de vida – é apagado pela destrutividade. O *enquadre interno do analista* (Green, 2002/2003), imprescindível para possibilitar a criação do espaço potencial e para criar representações simbólicas, se deteriora. A reação terapêutica negativa – pulsão de morte – inverte a resolução transferencial, ameaçando a análise. O campo torna-se estéril para ligações capazes de transformações e, ao mesmo tempo, extremamente fértil para a compulsão à repetição dos maus-tratos e abandonos psíquicos de Lina. O objeto abandonante, agressivo, sádico e enlouquecedor passa a se manifestar no momento atual da sessão, invade o campo e o reencarna.

Em uma sessão desse período, ao abrir a tela⁵, a analista se depara com Lina em postura arrogante, as duas mãos ocupadas: em uma, segura um cigarro de maconha, e, na outra, um copo com algum tipo de bebida alcóolica. A primeira sensação da analista é a de estar frente a um *atirador*, com uma arma em cada mão. Sente-se impotente, ameaçada e paralisada. Estava colocada na posição da paciente quando criança, frente às agressões sádicas dos pais, evidenciando os sentimentos de pavor, submissão e desvalorização. Lina não renuncia ao desejo sádico, a reivindicação pulsional destrutiva não para. A transferência, nesse momento, corresponde ao que Roussillon chamou de *transferência por reversão*⁶ (Roussillon, 2014, p. 275).

O pai da paciente, que tanto se fez presente no campo, surge na sala de espera em uma sessão. A analista fica desconcertada diante de atitude completamente inesperada, assustadora. Teria sido algo assim que Lina viveu quando o pai retornara depois de cinco anos? Durante uma sessão, algumas semanas depois, ao olhar para a paciente, a analista vê (como uma figurabilidade) a mistura do rosto

⁵ Estávamos no primeiro ano da pandemia da Covid-19 e as sessões passaram a ser *on-line*.

⁶ Retomamos o tema no item 3, adiante.

Candice Campos, Fernanda Crestana, Luciane Falcão

dela com o rosto do pai, que agora lhe é conhecido: uma imagem unificada dos dois, uma representação pictórica em que não há limite entre um e o outro. Essa imagem invade a mente da analista e novamente lhe desconcerta de tal forma que não consegue se livrar dela de imediato. Logo depois, e apenas após a sessão, a analista se dá conta do quanto essa invasão e a indiferenciação Eu/outro carregam a força do traumático de modo a impedi-la de pensar.

Temos então uma sequência de vivências no campo: a atiradora com uma arma em cada mão, o pai invasivo na sala de espera, a unificação pela qual Lina e seu pai ficam indiferenciados e, por fim, uma analista desconcertada, incapaz de utilizar sua mente para possíveis transformações em função dos impactos com força traumática vividos no campo analítico. Trata-se de uma condensação daquilo que já vinha acontecendo há alguns meses no processo com Lina. Provavelmente estamos diante da situação em que, como lembra Ferruta (2009):

a vítima se encontra nas mãos do agressor que pode fazer dela o que quiser, seja porque é uma criança que não tem instrumentos para compreender e se defender, seja porque é um adulto privado de autonomia e depende do outro. Nos dois casos, uma relação de coabitação estreita se instala, o que obriga a vítima e o agressor a estar em contato e a compartilhar os gestos fundamentais da vida cotidiana (comer, dormir, sentir, respirar). (p. 63)

Entendemos que essa é uma *coabitação psíquica*, um compartilhamento da violência que pertence à *unidade de dois* – a imagem unificada *visualizada* pela analista – ou à *massa a dois* referida por Freud (1921/2011). O trabalho analítico passa não só pelo trabalho de discernimento, pois precisa, em um primeiro momento, tornar-se esse *um* com o paciente para então, somente em um segundo momento, ocupar o lugar do agressor e poder se diferenciar. O risco é não termos tempo para esse último momento.

O traumático se repete e se presentifica na sessão, pois, em meio a tal encadeamento de vivências – e em tantas outras –, Lina está diante de uma analista que *não sobreviveu enquanto analista* ao ataque da dupla unificada, que é incapaz de usar a sua capacidade simbólica. Em uma sessão posterior, a analista consegue examinar com Lina, de uma forma muito rudimentar, delicada e sensível, a questão da indiferenciação Eu/outro. Parecia, então, que Lina havia se conectado com algum aspecto do seu sofrimento.

Nas semanas seguintes, Lina se reaproxima de um ex-namorado com quem tivera uma relação mais afetiva, mas que ela não tardou a dispensar. Sai de uma sessão para encontrá-lo, mas o pai a surpreende com uma carona e, no trajeto,

se descontrola, humilhando-a e *mijando-a* (palavra usada por ela) verbalmente. Ao encontrar o namorado, ela toma a posição do agressor e *mija*, literalmente, em cima dele durante uma relação sexual. A frágil tentativa de ligação da sessão anterior sucumbe à compulsão à repetição, destruindo a possibilidade de um intrincamento pulsional e mostrando que “o trabalho do desligamento se estende até o Id, conseguindo cindir os dois grupos de pulsões, acentuando o desintrincamento entre pulsões eróticas ou libidinais, testemunhas de Éros e as pulsões de destruição marcadas pela raiva” (Green, 2010, p. 101). Só há trabalho psíquico se for através de um *desvio pelo outro* (Green, 1967/1983a). Quando esse desvio não acontece ou quando surge através de um outro destruidor e violento, o aparelho psíquico está à mercê da força pulsional destruidora, ou seja, da pulsão de morte.

Após essas agonias, indiscriminações, violências e confusões vividas na análise, entre idas e vindas, Lina desaparece para nunca mais voltar, nem sequer respondendo às fracassadas tentativas de contato da analista. Recriou-se na análise o trauma primário do abandono e da violência. Lina tentava ser mestre da própria vida e também da sua morte ou da morte da análise. Foi mestre em relação a essa última.

2 Vértice teórico

São inúmeros os autores que contribuem para a formação do nosso referencial teórico enquanto analistas e que certamente ampliariam as nossas compreensões em relação ao que se passou na análise com Lina. Para esse artigo, tornou-se necessário eleger apenas alguns pertinentes ao tema.

A identificação é um conceito que, mesmo na obra de Freud, gera impasses que ecoam em diversos aspectos na psicanálise contemporânea. O processo de identificação ocorre desde os primeiros momentos de vida do indivíduo, em várias etapas, sendo parte da constituição do Eu e do Supereu e sofrendo transformações ao longo do desenvolvimento do sujeito. Roussillon (2023), em um prolongamento das ideias de Freud, diz que a identificação é a *emergência do objeto no interior do Eu* e que tem a ver com a *particularidade do objeto*. Percebemos em Lina tal particularidade do objeto: a *identificação com o agressor* – conceito ferenciano – passou a ser marca significativa desse processo. Encontramos a presença da pulsão de morte, via processo de desobjetalização, do narcisismo negativo e de morte. Identificamos, ainda, características da analidade primária (Green, 2002/2003). Deparamo-nos, assim, com a *decepção narcísica primária e a fragilidade de síntese*. Vivemos um *tempo de desespero*.

Candice Campos, Fernanda Crestana, Luciane Falcão

a. Sándor Ferenczi e a identificação com o agressor

Ferenczi (1912; 1932/1990) foi o primeiro analista a descrever o processo de *identificação com o agressor*. É provável que a violência sofrida por Lina, tanto em relação à mãe quanto ao pai, tenha contribuído para a montagem desse processo.

Em 1912, ele definiu a introjeção como um processo que implica *simultaneamente* a investidura objetual e uma identificação como correlato narcisista, configurando-se como um processo primário organizador, um movimento psíquico constitutivo e defensivo, fundamental para o estabelecimento da dinâmica da vida amorosa e da transferência. Além de possuir a virtude de amortecer a dor produzida pelas aspirações irrealizáveis e garantir a maior posse possível do objeto, Ferenczi capta o aspecto regressivo vinculado com esta espécie de avidez, de desejo imenso, que se faz presente na transferência desde o princípio do tratamento.

Vinte anos depois, o autor descreveu a *identificação com o agressor*⁷ (Ferenczi, 1933/1992), e desenvolve um avanço teórico considerável apresentando a etiologia traumática como resultado de um processo que está resumido na frase de Cabré (2019):

Há, nesse processo, uma violação psíquica da criança por um adulto, uma confusão de línguas entre eles e, principalmente, uma negação (*Verleugnung*) por parte do adulto do desespero da criança. (p. 592)

Trata-se do resultado de um trauma primitivo seguido de uma clivagem narcísica do Eu. Quando essas modalidades de invasão psíquica e experiências de medo e desamparo extremas produzem seus efeitos, desqualificando e negando o reconhecimento do pensamento e dos afetos, produz-se um trauma no psiquismo da criança. Esse trauma gera uma cisão, uma fragmentação e uma atomização que levam, implicitamente, à amputação de uma parte de si mesmo.

O medo intenso obriga a criança a se submeter automaticamente à vontade do agressor. O agressor desaparece enquanto realidade externa, passando a ser intrapsíquico, uma parte do Eu. A diferenciação entre sujeito e objeto é abolida. O sujeito *morre* através da cisão que, ao mesmo tempo, é uma forma de sobrevivência (Ferenczi, 1993/1992). A *identificação com o agressor* está diretamente relacionada com o que o objeto faz e, nesses casos, ele é o agressor.

⁷ Em 1936, Anna Freud apresenta o conceito de *identificação com o agressor* em uma elaboração bastante diferente da de Ferenczi. Para ela, essa identificação é uma figura preliminar do Supereu, é estruturante e maturativa, parcial e transitória, uma espécie de *identidade provisória* (Le Guellec, 2009). Seria um mecanismo de defesa do Eu.

O trauma se *presentifica*⁸ e não se *representa*. É um presente sem presença, louco, infinito, inesgotável e completamente vazio (Ferenczi, 1933/1992, p. 595). Ao contrário do presente histórico, que fixa uma presença e uma identidade – permitindo, assim, a lembrança –, neste presente traumático tudo se dissolve: não há sujeito, nem oposição entre sujeito e objeto; a memória é uma *memória sem lembrança* (Botella *et al.*, 2001; Botella, 2020).

Para Ferenczi (1933/1992), a destrutividade interna é paradoxalmente um gozo de ordem narcísica que coexiste com o sofrimento traumático, como um processo de co-excitação. O sentimento de culpa é marcado pela onipotência, o masoquismo não funciona como guardião da vida e imperam as pulsões de desligamento e de destrutividade. A *identificação com o agressor* toma a forma de uma identificação com aquele que dita o ritmo da vida e da morte. A figura-limite é o suicídio: “se suicidar é ser o mestre da sua própria vida e da sua própria morte” (Bertrand, 2009, p. 19).

b. André Green: narcisismo negativo, narcisismo de morte e analidade primária

A partir da proposta de um *narcisismo primário* como *estrutura* do sujeito, Green (1967/1983a) introduz a noção de *narcisismo negativo* (Green, 1967/1983b; 1998) no arcabouço metapsicológico. O *narcisismo primário* (Green, 1967/1983a) está sujeito a diferentes destinos: pode tornar-se um aspecto do narcisismo que acompanha toda a escolha de objeto que desembocará na constituição de um narcisismo secundário, capaz de utilizar a libido de objeto, ou pode constituir um narcisismo primário absoluto ou o *narcisismo negativo*, desligado do objeto e negando qualquer alteridade em relação a ele. “O narcisismo é o apagamento do traço do outro no Desejo de Um” (Green, 1976/1983, p. 127), ou seja, uma defesa radical de não-existência do outro (Falcão, 2017).

O *narcisismo negativo* é uma manifestação da função desobjetalizante que ocorre a partir das pulsões de morte e de destruição, operando principalmente por desinvestimento e desligamento. A pulsão de morte está em ação cada vez que os objetos do psíquico se encontram desqualificados, quando perdem sua originalidade ou sua singularidade, ou se deixam de ser valorizados (Green, 1976/1983; 1993; 2007a; 2007b). “Desobjetalizar é proceder a uma ação que faz com que a evolução pulsional perca o que nela está apto para tratar das propriedades mais singularizantes dos objetos” (Green, 2007b, p. 62). Sua expressão clínica (que se manifesta na

⁸ D. Scarfone discute a questão da presentificação, mostrando que esse tempo traumático é sempre atual, o passado é impassado. Ver: Scarfone, D. (2014). L'impassé, actualité de l'inconscient. *Revue Française de psychanalyse*, v. 78(5), p. 1357-1428

transferência), a destrutividade, corresponde à expressão da pulsão de morte (Green, 1974; 1993; 2002c; 2011), fazendo “obstáculo ao trabalho sintetizante de Êros” (Green, 2010, p. 81). Ao atacar o investimento, ataca a *relação com o objeto*, o *objeto* e o *Eu*. Quando a separação sujeito/objeto não aconteceu de forma adequada no período em que deveria ter ocorrido, as vivências de destrutividades são imensuráveis.

A noção greeniana de *analidade primária* (Green, 2002a) expande a compreensão do papel da destrutividade nas dinâmicas transferenciais (do paciente e do analista). Diferentemente da analidade clássica, na *analidade primária* a fixação é marcada pelo narcisismo de maneira prevalente. A principal característica é a relação, “é conectar [*mettre en relation*] um interior com um interior, um interior com um exterior, um objeto parcial com um objeto total”⁹ (Green, 2002a, p. 113). O controle anal é, antes de tudo, um controle afetivo que se exprime sob o modo de *self-control*, de impenetrabilidade, de frieza. Há um sadismo destrutor em que as fezes equivalem à bombas incendiárias, a líquidos corrosivos, a gases asfixiantes. A analidade é portadora de uma destruição fria, descorporizante, que se relaciona com a desobjetalização. O outro não existe, ele é pó. A identificação negativa, que é a parte proibida e negativa dos objetos, traduz o trabalho da pulsão de destruição na identificação (além da agressividade) (Cupa & Pirlot, 2017, p. 103).

A fixação anal é marcada pelo *narcisismo de morte* desses pacientes, um narcisismo que foi dizimado. A ferida narcísica originada na infância não cicatrizou, parece intratável e provoca uma dor psíquica aguda. O Eu sofre os ataques de um narcisismo caótico precário, sem fronteiras demarcadas, o que gera o sentimento de estarmos lidando com *esfolados vivos* (Green, 1993, p. 306). A oposição externalizada é vital para esses sujeitos, pois oportuniza delimitar sua identidade, oferecendo ao Eu a oportunidade de se provar vivo. O objetivo do conflito é repetir o trauma parental infligido por seu juízo desvalorizante. A cada novo embate, há um reforço dessa coluna vertebral psíquica, o que é vivido como um desafio a ser superado, trocando a sensação de carência pela de vitória e evitando uma submissão masoquista: “O narcisismo anal dá a esses sujeitos um eixo interno, verdadeira prótese invisível, que só se mantém pela erotização inconsciente de toda situação conflituosa atingindo o narcisismo” (Green, 1993, p. 134).

⁹ René Roussillon (2023) não acredita que existam *pulsões parciais* ou *objetos totais e parciais* (os dois conceitos estão atrelados). “O que pode querer dizer, para um bebê de poucos meses, a mãe descoberta como objeto *total*? A *totalidade* da imensa complexidade de sua mãe não é tangível nessa idade, se é que pode sê-lo em algum momento. O problema não pode ser pensado, em termos heurísticos, na oposição total/parcial; é preciso pensá-lo como descoberta da função sujeito, agente da ação, ator, autor” (Roussillon, 2023, p. 129-130).

A estrutura da *aniedade psíquica primária*, segundo a vertente objetual, é repleta de contradições. Estamos além da ambivalência:

O amor aqui adquire facilmente o aspecto do ódio, e o ódio é o sinal de uma ligação que nada pode desatar. O ódio sela um pacto de fidelidade eterna com o objeto primário e este pode ser substituído por outros que, no entanto, jamais fazem esquecer-lo, apesar das aparências. (Green, 1993, p. 308)

Às vezes, “a impressão é vivida por parte do analista de que *essa oposição anal decorre de um negativismo inconsciente onde é mais importante dizer não ao objeto do que sim a si*” (Green, 2002a, p. 137). No modelo da *aniedade primária* referida acima, Green (2002a) mostra o fim da onipotência simbiótica. Não é um processo de luto que se instala com o desejo de reparação, “mas uma acentuação do desamparo que confirma que o mundo (o objeto) é mau, cruel. (...) Ou seja, é o sujeito que não reconhece no objeto o direito de ser diferente e que sente em troca o desamparo de não ser ele próprio reconhecido” (p. 140).

c. René Roussillon: decepção narcísica primária e a fragilidade de síntese

Roussillon (2023) entende que, depois de 1915, o objeto para Freud não pode mais possuir apenas um simples valor libidinal: tem também um *valor narcísico*, não somente pelo reflexo do investimento libidinal que o sujeito lhe atribui, mas porque ele tem uma *função* na economia narcísica do sujeito. A *formação da identidade* é, de certa forma, afetada pela *qualidade do narcisismo*. O senso de identidade, o narcisismo e a ligação são o que torna possível o senso de continuidade, desde o início da vida até a morte.

O *sofrimento narcísico*, para Roussillon (2023), é uma das formas de sofrimento mais encontradas na prática clínica. Os problemas observados no plano relacional sempre têm um componente narcísico, atingindo a imagem do sujeito e o ferindo. Portanto, a problemática do sujeito é o que está por trás daquela do narcisismo. Por isso, ele acrescenta à denominação *problemáticas narcísicas* o adjetivo *identitárias*, pois são casos em que são ameaçados o sentimento de identidade própria e a capacidade de ser sujeito da própria vida, das suas emoções, sentimentos e decisões (Roussillon, 2023). Diante das manifestações sintomatológicas das *patologias narcísico-identitárias*, será necessário reconhecer e dimensionar os efeitos dos traços deixados por esses primeiros traumas, por essas primeiras experiências, efeitos daquilo que os sujeitos não conseguiram integrar afetivamente, seus objetos bizarros, suas potencialidades não advindas.

Todas essas articulações levam Roussillon a criar o termo *decepção narcísica*

Candice Campos, Fernanda Crestana, Luciane Falcão

primária para aquilo que seria o efeito da expectativa frustrada do bebê de criar/encontrar um objeto suficientemente reflexivo (Roussillon, 2008), um *meio maleável* (Milner 1952/1991), pois,

(...) a catástrofe identitária concerne à impossibilidade que o sujeito tem de dar um estatuto representativo a certas experiências, fundamentais para sua identidade ou para a regulação do seu narcisismo, que afetam seu sentimento de ser, sua própria essência. (...) A clivagem concerne à patologia do ser, não à do ter; concerne à falta para ser e não à falta como organizadora do desejo e da pulsão, mesmo que uma possa remeter à outra em certas conjunturas do funcionamento psíquico. (Roussillon, 2014, p. 189)

Outro aspecto importante para Roussillon (2023) diz respeito à *fragilidade de síntese* do sujeito. Nas pequenas notas que redigiu em Londres em 1938, Freud retorna à questão da repetição de uma maneira diferente do que havia mostrado até então, referindo que *as experiências mais repetidas são aquelas mais precoces*, e então escreve: *Explicação: fragilidade da síntese* (Freud, 1938). Roussillon (2023) conclui que a nova teoria da repetição, assim formulada implicitamente, é a seguinte: o sujeito repete aquilo que não integrou (devido à fragilidade da síntese), ou seja, aquilo que permanece sem continuidade.

A compulsão à repetição é a compulsão a tentar fazer surgir aquilo que era esperado e jamais chegou. A espera de uma experiência de sentimento oceânico que não acontece ou que é insuficiente provoca uma pressão interna, um automatismo que leva a buscar-criar aquilo que não pôde ter lugar interno, que não pôde ser integrado. Fazer com que tudo advenha para um bebê no ambiente maternante não é tão difícil. É muito mais complicado fazê-lo acontecer posteriormente, na idade adulta, porque não pôde ser feito em seu tempo. (p. 199)

Roussillon (2023) afirma que os bebês têm pouca ou nenhuma capacidade de síntese, não sendo capazes de integrar sozinhos suas experiências:

Se o bebê ou a criança pequena tem uma capacidade de síntese insuficiente, esta, portanto, deve lhe ser fornecida, ou pelo menos sustentada *a mínima* por seu ambiente primário. Uma das funções do cuidado, das trocas com o entorno maternante primário, de todos aqueles que participam da educação da criança, é auxiliar e sustentar a capacidade de síntese. (p. 70)

Quando Roussillon (2023) declara que aquilo que se repete é o que não foi integrado, está afirmando que o princípio de integração defendido por Freud não seria um princípio de prazer, mas sim um *princípio de satisfação*, pois a integração no Eu produz um afeto particular, um afeto de satisfação.

3 As transferências e as identificações com o agressor no processo analítico

Como podemos pensar as manifestações transferenciais de analista e paciente em processos analíticos cujos pacientes chegam até nós com cargas de identificações com o objeto agressor transbordando nas suas frágeis estruturas? Pacientes em que a destrutividade, tanto interna quanto externa, a força pulsional de morte, o narcisismo negativo, as decepções narcísicas primárias e a dificuldade de síntese são características psíquicas perceptíveis?

Com certeza as manifestações transferenciais se apresentarão no palco do processo analítico. Ali veremos a repetição da potencialidade destrutiva com seu eterno parceiro, o sentimento de ódio, incrustados no aparelho psíquico do paciente e também do analista. Contudo, não será um palco com plateia passiva. Será um espetáculo *interativo*. A plateia e os atores vivenciarão personagens do mundo interno da dupla analítica, participarão ativamente, experimentarão um caos psíquico proporcionado pelas fusões e defusões das pulsões, pelos enlaces e não-enlaces pulsionais vivenciados durante os processos de identificações de ambos. O pano de fundo será predominantemente violento. A alteridade entre palco e plateia se apagará. Talvez, se o espetáculo tivesse que ser classificado, seria uma *tragédia*.

Tanto o papel do *sentimento do ódio*¹⁰ no processo de identificação com o agressor como a repetição deste sentimento nos processos analíticos ocupam um papel de destaque. Freud (1914/2014) diz que é o *Eu-narcísico*, portador de investimento libidinal do Eu, que não suporta a recusa em não ser investido, em não ser olhado. Green afirma que uma das consequências do ódio por parte do objeto primário na relação com o sujeito é o paradoxo de uma fixação odiosa ao objeto ante a impossibilidade de uma separação primária estruturante. Esse ódio de si mesmo tende à expulsão ou à evacuação dos processos psíquicos (Green, 2002/2003; 2007a).

O processo transferencial de mão dupla entre analista e paciente estará permanentemente ameaçado por duas formas conhecidas de destrutividade

¹⁰ Ver: Falcão, L. (2017). O ódio, a nova ação psíquica e a progressiva complexidade narcísica. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, (24(3), 545-569.

Candice Campos, Fernanda Crestana, Luciane Falcão

psíquica: a invasão e o abandono (Green, 1974/1990). A transferência tem o poder de revelar a extrema sensibilidade do indivíduo diante dessas ameaças.

O paciente transfere ao analista a imagem de um objeto onipotente e ameaçador – decorrente dos vínculos enlouquecedores internalizados – e, algumas vezes, o analista é vivenciado como o próprio *objeto enlouquecedor* (Badaracco, 1986). A questão central será a necessidade de o analista reconhecer como *transferencial* o lugar do agressor que lhe cabe na relação e nos seus elementos psíquicos que se presentificam no campo. O analista será agressor pelo simples fato de recusar uma cumplicidade.

Roussillon chamou de *transferência por reversão* (Roussillon, 2014, p. 275) quando aquilo que o analisando viveu passivamente retorna e, de maneira ativa¹¹, faz com que o analista experencie esse caos. Nesse tipo de transferência, o paciente defende-se contra o retorno catastrófico do trauma primário, uma espécie específica de neutralização do retorno do clivado. Opera por *reversão passivo/ativo* daquilo contra o que tenta se erguer defesas paradoxais (Roussillon, 2014, p. 193). Quando a destrutividade e a elaboração do traumatismo narcísico primário estão em um primeiro plano, ocorre uma *clivagem da transferência*. Roussillon (2016) mostra que dois processos estão presentes simultaneamente: (1) um processo de transferência por deslocamento em que o paciente está no seu lugar, enquanto o analista está no lugar dos objetos significantes e (2) um processo de reversão, clivado do primeiro, no qual o analista é colocado no lugar do paciente e o paciente ocupa o lugar do objeto traumático. Para ele, o problema maior de elaboração está relacionado ao fato de que, se o analista tentar intervir via deslocamento, ele se encontra diante da reversão, e se, inversamente, ele intervém para sublinhar a reversão, depara-se com o fato de que o pilar dela está no deslocamento. Isso produz uma forma de transferência paradoxal em *double bind* – relacionada com a organização da *reflexividade*, com a organização do espelho interno do Eu e da subjetividade – na qual nenhuma intervenção aparece como adequada e que irá colorir com suas particularidades toda a relação investida com o outro e, portanto, com o analista. A zona da falha fundamental do narcisismo tende a infiltrar em toda relação particularmente investida que, transferida no seio de um dispositivo analisante, gera um modo de *transferência paradoxal* (Roussillon, 2004). O trauma real primitivo ressurge na transferência.

Roussillon (2004) diz que, diante de casos assim,

O analista não pode senão acompanhar afetivamente a vivência desta

¹¹ Freud (1915/2004) mostrou isso através dos *destinos das pulsões*: a substituição da meta ativa pela passiva, a inversão de amor em ódio e o masoquismo que transforma a dor em prazer.

decida ao inferno, deste encontro com o fundo traumático enquistado, que é subjacente às agonias psíquicas reatualizadas na transferência (...). A agonia não é analisável, não é interpretável, solicita simplesmente uma presença e um compartilhamento de afeto, graças ao qual pode tornar-se tolerável. (p. 21)

Nesse processo, a força pulsional de vida da dupla sucumbiu à pulsão de destruição e o objeto analítico se congelou, apesar dos movimentos e das ações da analista, principalmente nas suas tentativas de lhe oferecer o enquadre, o lugar analítico como opção para outros encontros, assim como a sua presença e uma predisposição para compartilhar afeto. Não foi suficiente. O vazio, o abandono, a solidão, a angústia e a violência foram vividos pela analista que, sozinha, seguiu se ocupando mentalmente da paciente. Agora, é a analista quem vivencia uma sensação de fracasso e de incapacidade.

Green (2002a) refere uma característica da transferência desses pacientes: “a projeção do paciente atribui ao analista um poder tal que não deixa outra saída ao analisando que a de lutar contra a transferência e recusar todo o poder do objeto transferencial” (p. 130-131). Nessas condições, a contratransferência (ou, como preferimos, a transferência do analista para o paciente) é experimentada como um espelhamento da problemática do paciente, ou seja, surge a *raiva na contratransferência*. A raiva destruidora é que irá mobilizar essa vivência analítica. A ideia de Winnicott (1971/1975) torna-se essencial: não é do ódio e nem no ódio que o objeto surge e é descoberto em sua alteridade, e sim devido ao fato de *sobreviver* ao ódio e à raiva destrutiva. Será necessário, então, que o analista se coloque como alguém que permite ao paciente a *utilização do objeto* e a possível descoberta da sobrevivência dele. A questão será a forma como se dará esta *utilização do objeto*, e se ele (analista) sobreviverá.

Pensamos que a *fragilidade de síntese* anotada por Freud no final da sua vida, e posteriormente retomada por Roussillon, repete-se no campo analítico, tornando-nos incapazes de integrar, *in loco*, com o paciente, as suas experiências traumáticas. Nossa hipótese é que a nossa incapacidade também está relacionada com a nossa *fragilidade de síntese*.

Muitas vezes, a sensação vivida pelo analista é a de que ele não vai sobreviver, e isso é percebido pelo paciente que, então, confirma o seu poder destruidor. A problemática da relação do sujeito com a sua vida pulsional está ligada às *respostas* e *reações* dos objetos significativos de sua infância e de sua história. Daí uma proposição fundamental de Roussillon (2009; 2022): o que está em jogo na destrutividade não é a destruição; pelo contrário, é a *experiência da consistência do objeto*, sua resistência e sua capacidade de sobrevivência – ou seja,

o paciente mantém o objeto agressor dentro ou fora dele, desde que esse objeto se mantenha vivo para ele.

4 O tempo de desespero:

É assim que Roussillon (2004) nomeia o modelo de funcionamento psíquico em que a vivência transferencial apresenta características específicas articuladas a um modelo de traumatismo primário, gênese dos estados de desespero absoluto e de agonias primitivas (Roussillon, 2012). É provável que este seja o modelo do funcionamento psíquico de Lina. Ele diz:

Frente a uma pressão pulsional, o sujeito, por mais precoce que seja sua organização, tenta tratá-la com os meios de que dispõe conforme tempos diferentes: alucinação da satisfação, auto-erotismo, primeiras formas de simbolização, evitação primária quando as soluções não são eficazes. O modelo traumático supõe que essa primeira bateria de meios não é suficiente ou é inadequada para o processamento da excitação, porque tais meios são transbordados pela intensidade da mesma. Esse fracasso de respostas internas coloca o sujeito num estado de desamparo. (Roussillon, 2004, p. 29)

Frente às exigências pulsionais, o *tempo de desespero* – esse estado de desespero e desamparo, esse *impassado* (Scarfone, 2014) – denota justamente aspectos do funcionamento de alguns pacientes como Lina, nos quais existe a ameaça de ruptura e fracasso do processo. Porém, é preciso notar que há, no campo, o *tempo de desespero* do analisando e do analista. A compulsão à repetição ocupa o primeiro plano, revelando mais uma vez a faceta da pulsão de morte (Falcão, 2015; 2018). O analisando que viveu as agonias primitivas (Roussillon, 1999), o desamparo e o desespero, vê-se agora diante de um analista imerso em desesperança – a *lógica da desesperança* (Green, 1974/1990) –, confirmando que o objeto não se mostrou utilizável para a experiência de satisfação (Winnicott, 1971/1975). A agonia psíquica, o desespero absoluto ou as formas de recusa invadem o processo transferencial (Roussillon, 2004, p. 26). Com Lina, pedaços de objetos abandonantes e intrusivos circulavam livremente, engolfando a dupla. Havia poucos períodos de maior calma, em que a analista se sentia viva, organizada e capaz de ajudá-la. Em outros, a intrusão dos aspectos enlouquecedores acabava por capturá-la. A criança abandonada que Lina fora, assim como a prótese narcísica da mãe que a impediu de se tornar ela mesma, surgia e se presentificava ali: “o

analista é posto no lugar da criança que o analisando foi frente a seus objetos e, singularmente, daquilo que ele teve que repudiar de si mesmo para manter a relação narcísica com os mesmos” (Roussillon 2004 p. 19).

A analista torna-se o *espelho do negativo do analisando* (Roussillon, 2004, p. 22), sentindo aquilo que o paciente não pode integrar nas suas vivências. Esse encontro com aquilo que não tem representação simbólica dá à transferência um caráter mais de negatividade que de ligação. O paradoxo se instala e o contato transferencial provoca um mal-estar no analisando, uma sensação de malignidade que é projetada na analista.

O *tempo de desespero*, de desamparo, toma o todo do processo. Nesse *tempo impassado*, tempo e espaço deixam de existir. As reflexões feitas nesse artigo são tentativas de impedir que a desesperança em relação aos processos analíticos tome o todo da mente da analista, em um ensaio de tornar o fracasso e a desilusão toleráveis.

5 Fracassos e decepções

Green (2010) afirma:

Graças aos efeitos positivos de Eros, sintetizador e unificador, é que podem ocorrer as transformações pulsionais sobre uma forma menos bruta e mais intrincada. Ou seja, quanto mais estreita a intrincação, mais as pulsões de morte são ligadas pelas influências das pulsões de vida e mais o desligamento se encontra neutralizado. Esperar uma supressão total dos efeitos da pulsão de morte é ilusório (...). (p. 102)

O percurso de André Green entre a *La folie privée* (1974) e *Por que as pulsões de morte ou de destruição?* (2007b) ampliou o conhecimento a respeito da problemática da destrutividade na estruturação do psiquismo (Green, 2011). “Hoje, precisamos estar mais atentos às *relações* que definem as pulsões libidinais e destrutivas do Eu, o narcisismo e os diferentes tipos de mecanismos: recalque, clivagem, descompensações, somatizações, etc.” (Green, 2011, p. 387).

Em *Ilusions et désillusions du travail psychanalytique*, Green (2010) dará ênfase à questão da *compatibilidade* ou da *incompatibilidade da comunicação* com as exigências do *setting*. Abre uma discussão sobre a metaforização da palavra analítica, posto que “a função do *setting* é realizar uma metaforização polissêmica” (p. 48). Essa metaforização encontra-se relacionada aos processos terciários (Green,

Candice Campos, Fernanda Crestana, Luciane Falcão

1972) que fazem a ponte entre o aparelho psíquico e o aparelho de linguagem; o *setting* cria a possibilidade de fazer surgir o *Outro-do-objeto* e, assim, o discurso analítico assume o *status* de uma metáfora. Como afirma Green, “a palavra analítica desenluta a linguagem; ela volta a dar ao outro a figura dos objetos de desejos que um renúnciaimento havia deixado à sombra” (1983/1984, p. 136). O autor observa também que a “comunicação analítica depende da intervenção do *setting* que faz falar a linguagem de uma forma diferente” (Green, 2011, p. 381). Green (2011) pensa que a falha nessa comunicação contém o germe das desilusões das análises, e cada vez mais vamos ouvir a palavra *fracasso* dos que trabalham com a prática clínica:

A precocidade e a severidade dos traumas, os traumatismos cumulativos, as estruturas masoquistas solidamente organizadas, etc. [estão presentes]. São considerados os efeitos do Supereu primitivo e das estruturas de Eu organizadas antes do recalçamento em que verificamos frequentemente a desertificação psíquica que proíbe o desenvolvimento dos efeitos da libido, se acompanham de um sentimento de vazio, de perda e da vitalidade do corpo. (...) O sentimento de ausência não se limita à não-presença do objeto que falta, toda a ausência é mal suportada. (p. 381-382)

O sentimento de ausência equivale a um sentimento de perda. Green entende que esses pacientes vivem aquilo que chama de “*desligamento subjetal do Eu*” que pode chegar até o sentimento de autodesaparecimento do Eu” (Green, 2011, p. 388). Traumas vividos pelo sujeito antes da aquisição da linguagem, assim como estruturas parentais patológicas – Winnicott (1954/1969) dizia que é diferente ter sido criado por uma mãe suficientemente boa ou por uma mãe psicótica ou *borderline* –, causam feridas que ficarão incuráveis e em cujos psiquismos se instalam mecanismos de identificações marcados por traumas parentais não elaborados. Ou seja, as falhas na organização narcísica são responsáveis pela impossibilidade de criar a intersecção entre a pulsão e o objeto, necessárias para dar lugar à criação de objetos narcísicos, transicionais e transnarcísicos¹² que ultrapassam a oposição entre narcísico e objetual, criando o núcleo da subjetividade (Green, 1967/1983b; Cupa & Pirlot, 2012) no sujeito. Ao invés dessa subjetividade, instala-se o *desligamento subjetal do Eu*.

Todos esses quadros mostram uma descompensação difícil de ser examinada

¹² A sublimação e a criatividade constituem os objetos transnarcísicos. Uma boa intersecção tem por meta criar o afeto de existência, “sentimento de coerência e de consistência, suporte do prazer de existir e que se mostra capaz de tolerar a admissão do Outro e da sua separação. O destino de Um é de viver em conjunção e/ou separação do outro” (Green, 1976/1983, p. 31-79)

no *setting* analítico e que são entendidas como causa de muitas análises fracassadas. Os trabalhos de Winnicott (1954/1969; 1971/1975; 1979/1982) já apontavam para a necessidade de se considerar o papel do ambiente até então negligenciado. Por isso, não se pode mais abordar as patologias somente do ponto de vista dos conflitos internos. Como lembra Roussillon (2023), além da *mãe suficientemente boa*, precisamos de um ambiente suficientemente bom.

As vivências de fracasso por parte do analista envolvem vários aspectos. Um deles é o sentimento de culpa – já identificado por Ferenczi como parte do processo de identificação com o agressor, como vimos –, que lhe faz questionar todo o seu trabalho com o paciente, desde a indicação da análise, passando pelo trabalho interpretativo, etc. Não existe a possibilidade de o analista sair desse exame de consciência rejeitando toda a sua responsabilidade (Green, 2010).

O trabalho analítico que visa justamente o discernimento Eu-outro e dentro-fora, que permitiria estabelecer limites psíquicos organizadores, é freado, impedindo qualquer processo de transformação e de desenvolvimento psíquico. O paciente segue no estado anterior, e a morte da análise é a expressão do fracasso.

Resumindo os fatores relacionados às desilusões do trabalho psicanalítico, Green (2010) destaca “a tenacidade das fixações, o poder das pulsões destrutivas, o caráter solidificado do masoquismo, a dificuldade do Eu a renunciar às defesas narcísicas arcaicas e à rigidez das resistências” (p. 129). O autor mostra o quanto alguns pacientes não toleram nenhum tipo de ligação com outro objeto diferente dos objetos primários. Lina não poderia se ligar na analista pois, se assim o fizesse, estaria confirmando que seus objetos primários não foram capazes de tecer vínculo, e isso é insuportável. Provavelmente, mesmo quando a analista se deu conta da força da destrutividade de Lina e de todo o seu narcisismo de morte, ainda assim teve alguma *ilusão* de que poderia ajudá-la – talvez da mesma forma que Lina tentou, por meio da psicanálise, escapar da violência interna. No entanto, o narcisismo negativo se presentifica no campo analítico de tal forma que este se transforma em um *campo de batalha*. Lina recusou a possibilidade de um encontro contínuo com o outro que poderia lhe permitir outras vivências, outras ligações, provocando, assim, uma *desilusão* também na analista. Corta os laços para se precaver contra a perda do laço e da capacidade de se ligar a outro, abandona para não ser abandonada, fragmenta-se para se proteger da fragmentação (Roussillon, 2014, p. 193).

Para concluir, podemos dizer que, do nosso ponto de vista, esses pacientes têm uma forte *identificação com o agressor*, a qual surge quando a pulsão de morte ou de destruição encontra o caminho livre para se apossar dos movimentos iniciais de um aparelho psíquico ainda embrionário – ainda sem capacidade de síntese – e que não conta com o objeto libidinal correspondente a Eros. O mais primitivo,

Candice Campos, Fernanda Crestana, Luciane Falcão

o desprazer, prevalece, deixando suas marcas de dor nas vivências corporais. A força pulsional destruidora é a vencedora, e permanece neste grau de intensidade justamente porque o sujeito não encontra no objeto externo um investidor capaz de ajudar no trabalho de intrincamento pulsional e da capacidade de síntese. Ao contrário, a estrutura patológica dos pais não possibilita receber, digerir e traduzir – *função alfa*, nas palavras de Bion (1959; 1962) – as angústias e o desespero do bebê. O trabalho de Winnicott ensinou-nos bastante sobre isso. Pensamos (Falcão, 2017) que, quando a *nova ação psíquica* (Freud, 1914), necessária para complexificar o narcisismo, estiver relacionada ao objeto externo predominantemente constituído, ele próprio, por pulsões destrutivas e com *déficits* na sua capacidade de *reverie* (Bion, 1959/1988; 1962) e de síntese, o trabalho de integração entre prazer e desprazer apresentar-se-á também deficitário e, conseqüentemente, aquilo que é da ordem do sensório e do sensual restará não-ligado no aparelho psíquico. Em suma, a sensorialidade não-ligada e o que Freud referiu como a *fragilidade de síntese* estão relacionadas com o déficit de investimento.

Tentamos mostrar, no decorrer do presente artigo, que esta *fragilidade de síntese* seria um dos elementos que determina a constituição e a permanência dos elementos não-ligados no aparelho psíquico do sujeito e que está relacionada à pulsão de morte e de destruição. A permanência dessa fragilidade parece-nos ser revelada na cena analítica em que os elementos traumáticos não-ligados de ambos os atores permanecem sem força de síntese, sem força de integração psíquica. Em outras palavras, o próprio campo analítico apresenta-se com a *fragilidade de síntese*.

Por fim, entendemos que o *narcisismo de morte* (Green, 1967/1983b), em que a morte na vida se instala e se executa silenciando e paralisando a libido, impedindo essa energia de se locomover no aparelho psíquico, impede, também, a circulação em um vaivém com o outro. Narcisismo de morte é morte na *não vida* (Falcão, 2014), é o tempo de desespero. □

Abstract

Time of despair: disruption of the analytic process

Working from theoretical and clinical contributions, this article reflects on the issue of destructiveness in the analytic field. A certain number of severely traumatized patients present this destructiveness in an intense form, such that violence and aggressiveness become active elements in the transference processes from the patient to the analyst and from the analyst to the patient. We perceive here a psychic mechanism in which identification with the aggressor is a predominant

aspect. Through the repetition compulsion, this identification is re-presented in the analytical context, opening space for primitive traumatic experiences to become present in the analytical field. At first, the analyst passively and silently occupies the place that was once held by the patient who, before having a psychic apparatus capable of accounting for this drive and having lived through a process of subjectivation, passively suffered primitive violence in relation to the object that should be protective. However, such violence is also present in the analyst's psyche, blocking the analyst's transforming capacity, and this conjunction potentializes the path to therapeutic failure. Finally, it strikes us as fundamental to think that psychoanalysis itself also experiences its setbacks, its illusions and disillusion.

Keywords: Identification with the aggressor; Destructiveness; Analytic process; Therapeutic failure

Resumen

Tiempo de desespero: interrupción del proceso analítico

Este artículo pretende reflexionar sobre la cuestión de la destructividad en el campo analítico a través de algunos aportes teóricos y clínicos. Cierta número de pacientes fuertemente traumatizados presentan esa destructividad de manera intensa, de modo que la violencia y la agresividad se vuelven elementos activos en los procesos de transferencia del paciente al analista y del analista al paciente. Percibimos aquí un engranaje psíquico en el que la identificación con el agresor es un aspecto predominante. A través de la compulsión a la repetición, esta identificación se vuelve a presentar en la escena analítica, abriendo espacio para que las experiencias traumáticas primitivas se hagan presentes en el campo analítico. En un principio, el analista ocupa pasiva y silenciosamente el lugar que alguna vez fue del paciente que, antes de tener un aparato psíquico capaz de lidiar con esta pulsión y haber vivido un proceso de subjetivación, sufrió pasivamente la violencia primitiva en la relación con el objeto que debería ser protector. Sin embargo, tal violencia también está presente en el psiquismo del analista, bloqueando su capacidad transformadora, y esta conjunción potencia el camino al fracaso terapéutico. En fin, nos parece fundamental pensar que el mismo psicoanálisis también experimenta sus reveses, sus ilusiones y sus engaños.

Palabras clave: Identificación con el agresor; Destructividad; Proceso analítico; Fracaso terapéutico

Candice Campos, Fernanda Crestana, Luciane Falcão

Referências

- Abraham, N. & Török, M. (1995). *A casca e o núcleo*. São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicada em 1987)
- Badaracco, J.E. (1986). La identificación y sus vicisitudes en la psicosis. La importancia del concepto objeto enloquecedor. In *Libro Anual de Psicoanálisis*, [S.l.:s.n.], p. 217-227.
- Bertrand, M. (2009). L'identification à l'agresseur chez Ferenczi. In RFP, T. LXXIII, (pp. 11-20). (S.l.: s.n.).
- Bion, W. (1962). *Learning from experience*. London: Tavistock.
- Bion, W. (1988). Ataques à ligação. In *Estudos psicanalíticos revisados*, (p. 87-100). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1959)
- Botella, C. et al. (2001). *La figurabilité psychique*. Suisse: Delachaux et Nestlé.
- Botella, S. (2020). Le « perceptif » en psychanalyse. *Revue Française de Psychanalyse*, 85(3), 765-78.
- Cabré, L.J.M. (2019). O conceito de introjeção e sua evolução na teoria de Ferenczi. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 26(3), 587-601.
- Cupa, D. & Pirlot, G. (2012). *Andre Green: les grands concepts psychanalytiques*. Paris: PUF.
- Falcão, L. (2014). Cem anos de narcisismo: quem da psicanálise e além de Freud. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(3), 41-56.
- Falcão, L. (2015). Death drive, destructive drive and the desobjectalizing function in the analytic process. *Int. j. psycho-anal.*, 96, 459-476.
- Falcão, L. (2017). O ódio, a nova ação psíquica e a progressiva complexidade narcísica. In *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 24(3), 545-569.
- Falcão, L. (2018). Eu sou o mal: pulsão de morte, destrutividade e o retorno *dol* estado anterior segundo René Roussillon. In Tanis, B. & Rocha, E. (Org.). *Roussillon na América Latina*, (pp. 163-176). São Paulo: Blucher.
- Ferenczi, S. (1912). El Cconcepto de introyección. In Ferenczi, S. *Obras Completas*, (Tomo I). Madri: (s.n.).
- Ferenczi, S. (1990). *Diário clínico*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1932)
- Ferenczi, S. (1992). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In Ferenczi, S. *Obras completas Sándor Ferenczi*, (Vol. 4, pp. 97-106). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original pulicado em 1933)
- Ferruta, A. (2009). Tensions entre théorie et technique dans l'utilisation clinique du concept d'identification à l'agresseur. In RFP, T. LXXIII, (pp. 57-67). (S.l.: s.n.).
- Freud, S. (1938). Conclusões, ideias, problemas. In Freud, S. *Obras completas*, (Vol. 19). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2004). Pulsão e destino das pulsões In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, (Vol. 1, Tradução de L.A. Hans). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)

- Freud, S. (2011). A psicologia das massas e análise do eu. In Freud, S. *Obras completas*, (Vol. 15, pp. 14-113). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2014). À guisa de introdução ao narcisismo. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, (Vol. 1, Tradução de L.A. Hans). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Green, A. (1972). Nota sobre os processos terciários. In *Revue Française de Psychanalyse*, 36(3).
- Green, A. (1974). *La folie privée: psychanalyse des cas-limites*. Paris: Gallimard.
- Green, A. (1983a). Narcisismo primaire: estructura ou état? In *Narcisisme de vie, narcissisme de mort*. Paris: Minuit. (Trabalho original publicado em 1967)
- Green, A. (1983b). *Narcissisme de vie, narcissisme de mort*. Paris: Minuit. (Trabalho original publicado em 1967).
- Green, A. (1983). Un autre, neutre: valeurs narcissiques du même. In *Narcisisme de vie, narcissisme de mort*, (pp. 31-79). Paris: Minuit. (Trabalho original publicado em 1976)
- Green, A. (1984). *La langage dans la psychanalyse*. Paris: Le Belles Lettres. (Trabalho original publicado em 1983)
- Green, A. (1990). L'analyste, la symbolisation et l'absence dans le cadre analytique. In *La folie privée*, (pp. 63-102). Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1974)
- Green, A. (1993). *Le travail du negatif*. Paris: Minuit.
- Green, A. (2002a). Analité primaire. In *La pensée clinique*. Paris: Odile Jacob.
- Green, A. (2002b). *Idées directrices pour une psychanalyse contemporaine*. Paris: PUF.
- Green, A. (2002c). La mort dans la vie. In *La pensée clinique*. Paris: Odile Jacob.
- Green, A. (2007a). Pulsions de destruction et maladies somatiques. *Revue Française de Psychosomatique*, 2(32).
- Green, A. (2007b). *Porquoi les pulsions de destruction ou de mort?* Paris: Du Panamá.
- Green, A. (2010). *Illusions et désillusions du travail psychanalytique*. Paris: Odile Jacob.
- Green, A. (2011). Les cas limite. De la folie privée aux pulsions de destructions et de mort. *Revue Française de Psychanalyse Française*, 2, p. 375-390.
- Guellec, L.Y. (2009). Identification de force en recherche de sens. In RFP, T. LXXIII, (pp. 37-55). (S.l.: s.n.).
- Milner, M. (1952/1991). O papel da ilusão na formação simbólica. In *A loucura suprimida do homem são: quarenta e quatro anos explorando a psicanálise*, (pp. 89-116). Rio de Janeiro: Imago.
- Roussillon, R. (1999). *Agonie, clivage et symbolisation*. Paris: PUF.
- Roussillon, R. (2004) Agonia e desespero na transferência paradoxal. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 11(1), 13-33.
- Roussillon, R. (2008). *La réflexivité, le transitionnel et le sexuel*. Paris: Dunod, 2008.
- Roussillon, R. (2009). La destructivité et les formes complexes de la «survivance» de l'objet. *Revue Française de Psychanalyse*, 4, 1005-1022.

Candice Campos, Fernanda Crestana, Luciane Falcão

- Roussillon, R. (2012). O desamparo e as tentativas de solução para o traumatismo primário. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 19(2), 271-295.
- Roussillon, R. (2014). O trauma narcísico-identitário e sua transferência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(3), 187-205.
- Roussillon, R. (2016). *Destructivité et exaltation: la destructivité et la deception narcissique*. (Conferência proferida no Colloque BB-Ado), França.
- Roussillon, R. (2023). *O narcisismo e a análise do Eu: conferências de René Roussillon*. São Paulo: Blucher.
- Scarfone, D. (2014). L'impassé, actualité de l'inconscient. *Revue Française de Psychanalyse*, 78(5), 1357-1428.
- Winnicott, D. (1969). Les aspects métapsychologique et cliniques de la régression au sein de la situation analytique. In *De la pédiatrie à la psychanalyse*. Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1954)
- Winnicott, D. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971)
- Winnicott, D. (1982). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1979)

Recebido em 25/03/2023

Aceito em 26/04/2023

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**
Revisão técnica de **Renato Moraes Lucas**

Candice Campos

Avenida Taquara, 110/101
90460-210 – Porto Alegre, RS – Brasil
candicepcampos@gmail.com

Fernanda Crestana

Rua Carvalho Monteiro, 234/404
90470-010 – Porto Alegre, RS – Brasil
fcrestana@gmail.com

Luciane Falcão

Av. Plínio Brasil Milano, 757/1204
90520-001 – Porto Alegre, RS – Brasil
lufalcao60@gmail.com

© Revista de Psicanálise da SPPA